



Sociedade das Ciências Antigas

Santa Hildegarda de Bingen



"Diga o que viste e entendeste, não à maneira de outro homem, mas segundo a vontade d'Aquele que sabe, vê e dispõe todas as coisas no segredo de seus mistérios"

Momento Histórico

No ano de 1097, a Cristandade tanto no Oriente como no Ocidente, estava dominada por um único pensamento: libertar a Terra Santa. Reinos católicos inteiros engajavam-se numa enorme mobilização que ficará conhecida na História como as Cruzadas. Pouco antes, em 1095, multidões tinham aclamado com entusiasmo o Papa Urbano II que, em Clermont-Ferrant, França, havia exortado os cristãos a socorrer seus irmãos oprimidos em Jerusalém.

Após um período de confusão e desordens, uma nova era de fervor religioso começava. Em 1098, o monge beneditino Robert de Solesmes funda a Abadia de Cîteaux, como resultado da reforma gregoriana. Desta abadia sairá o monge Bernardo, que funda por sua vez, em 1115, a Abadia de Claraval. Ela atrairá tantas vocações que, na morte deste campeão da Cristandade, em 1153, a Ordem de Cîteaux contará com 343 mosteiros, dos quais 167 saídos de Claraval. Os cartuxos, fundados por São Bruno em 1104, e os premontratenses, fundados por São Norberto, são outros sintomas do fervor religioso que animou essa época.

Infância e vida religiosa

Nesse mundo assim florescente, no verão de 1098, nasce uma menina, de nobre e riquíssima família alemã, que recebe o nome de Hildegarda von Bingen. Seus pais eram Hildeberto e Matilde. A menina nasceu no castelo de Böckelheim, na bela região do rio Reno.

Como era o costume na época, aos oito anos de idade foi entregue aos cuidados de religiosas do convento das monjas beneditinas. Ali recebeu os primeiros fundamentos dos ensinamentos de Cristo, aprendendo o desapego que deveria ter com as coisas e vaidades mundanas. Assim começa a vida mística de Santa Hildegarda. O mosteiro escolhido foi o de Disibodensberg, do qual era abadessa a ex-condessa Judite (Jutta), filha do Conde de Spanheim, que tomou a si o encargo de cuidar dessa menina que dava sinais de uma grande vocação.

Diria Hildegarda mais tarde: "Aos três anos de idade eu vi uma tal luz que incendiava minha alma. Aos oito anos, consagrei-me a Deus e até os 15 anos eu via em minha alma muitas coisas que escondia dos outros, pois notava que eles não tinham este tipo de visões".

Foi Jutta que ensinou a Hildegarda o canto dos salmos e a arte musical. Naquele tempo, dizia-se "aprender a ler é aprender a salmejar". Deste período de sua vida, sabe-se apenas que ela tinha uma saúde muito frágil e que sempre era favorecida por visões, narradas com discrição apenas a sua tutora e a um dos monges do mosteiro de Santo Disibold, chamado Volmar, que depois exerceu, durante 30 anos, o ofício de seu secretário.

Aos 12 anos, idade em que uma moça era então considerada maior, a jovem mística pede para fazer os votos religiosos no convento em que vivia. Depois de conhecer e conviver na comunidade religiosa, Hildegarda, ingressou como noviça sem dificuldade alguma. Aos 15 anos recebeu o véu e o anel das mãos do bispo Oto de Bamberga, tornando-se assim irmã da Ordem Beneditina. Seu exemplo foi seguido por outras mulheres nobres da aristocracia alemã e, num curto espaço de tempo, a sua adesão tornou o mosteiro um centro cenobítico de grande importância.



Ao longo dos primeiros anos de sua vida monástica, Hildegarda teve todo o tempo e toda a tranqüilidade para aprofundar os estudos, firmemente convencida de que um maior conhecimento pudesse facilitar-lhe o apostolado cristão. Estudou latim e pôde, assim, ler diretamente os clássicos da literatura monástica, filosófica e científica.

Desde pequena Hildegarda havia padecido de várias doenças e tinha uma saúde bastante frágil; em vista disso, convencera-se de que somente cumprindo a vontade do Senhor poderia fortalecer o próprio corpo. Desde a idade de três anos e, sobretudo, depois da sua entrada para o mosteiro havia começado a ter aquelas visões que se tornaram constantes ao longo de toda a sua vida e que inspiraram as suas obras, mas nada comentou a esse respeito com quem quer que fosse. Mais tarde dirá que elas vinham "*non in somnis nec in extasi*" (não durante o sono e nem em estado de êxtase), mas "*vigilans corpore et mente*" (com o corpo e a mente em estado de vigília), e que não eram percebidos pelos sentidos da visão e da audição, mas "*interioribus oculis spiritus*" (com os olhos

interiores da alma). Essas visões, que muitos estudiosos relacionam das mais variadas formas com as dores de cabeça, os ataques hísticos, epiléticos e, de qualquer forma de fundo nervoso que marcaram a sua existência, foram-lhe de certa maneira úteis, uma vez que se tornaram para ela um meio de expressar as próprias concepções religiosas e científicas.

Hildegarda resolveu um tanto tardiamente transmiti-las aos outros, em decorrência de uma inspiração recebida em 1141: enquanto rezava na capela do convento, viu um raio de luz que do alto lhe atingia o coração e a mente, enquanto uma voz misteriosa ordenava-lhe que "escrevesse para o bem da humanidade". Naquela época imperava a convicção de que o conhecimento pode ser alcançado somente com a ascese ou com a íntima união do espírito com Deus.

Quando a venerada Judite (Jutta) morreu, em 1136, Hildegarda já desfrutava de uma forte ascendência sobre as suas coirmãs por suas particulares características de inteligência, de cultura e de abnegação. E, apesar da sua juventude, foi por unanimidade, nomeada abadessa da comunidade. Todavia, para prosseguir os estudos e seguir os próprios pensamentos, ela tinha necessidade de tranqüilidade e o vaivém dos devotos, que acorriam cada vez em maior número ao convento para venerar a sepultura de Jutta, certamente não lhe permitia tal coisa. Depois de inúmeras dificuldades, conseguiu, afinal, a autorização para deixar o mosteiro de Disibodenberg e construir uma nova abadia no Ruperstsberg (Monte Rupert), nas proximidades de Bingen, na confluência dos rios Nahe e Reno, para onde se transferiu toda a pequena comunidade de dezoito monjas.

No período das acirradas disputas surgidas com relação à autonomia do novo convento, Hildegarda ficou gravemente doente e apenas poucas vezes pôde intervir pessoalmente nestas discussões. Além desse convento sob seu governo, ela fundou outros dois: em 1147 o de Bingen e, em 1165 o de Eibingen, ambos na Alemanha. Mas em breve, um grande acontecimento decisivo na sua existência vai engajá-la numa vida totalmente nova.

A vida monástica

No decorrer do século XI e até meados do século XII, propagou-se na Europa a imagem da vida monástica entendida como possibilidade de pureza e perfeição em meio a toda uma efervescência religiosa que trazia à luz disputas e debates não só em torno do sagrado, mas também do poder. Longe de representar uma separação total e completa do mundo, um isolamento absoluto, a clausura foi, em muitos casos, um lugar de reflexão e de florescimento de novas idéias, mais do que de fuga.



A regra beneditina recebeu interpretações distintas o suficiente para dar espaço a visões tão opostas umas das outras quanto as dos monges de Cister e de Cluny. Não é de estranhar, portanto, que dos mosteiros tenham surgido, muitas vezes, personalidades fortes e reformadoras da estatura de Bernardo de Claraval e de Pedro, o Venerável, entre outros.

No contexto da época, a entrada em uma instituição religiosa, para as mulheres pertencentes à nobreza, pode ser interpretada de diversas maneiras. Muitas vezes as jovens eram enviadas por suas famílias para seguir definitivamente a vida religiosa, mas, em outros casos, apenas para que tivessem acesso a uma educação de qualidade, que não lhes seria possível em outros ambientes.

É interessante lembrar, também, ao analisar o percurso desta mulher excepcional que foi Hildegarda, que o mosteiro representava, na Idade Média, a possibilidade de liberação do peso da maternidade. A submissão à regra beneditina possuía outras características, diferentes da submissão ao papel de esposa e mãe, que pouco ou mesmo nenhum espaço reservava a aspirações de ordem intelectual.

No entanto, é evidente que tais considerações não estavam sempre presentes de forma explícita quando os pais encaminhavam suas filhas a uma determinada ordem. Mas, no decorrer da existência de cada uma, teciam-se fatores diversos que permitiam muitas vezes o desenrolar de uma história de vida favorecida pelo recolhimento, pela contemplação e pela ausência de obrigações familiares.

O fato de Hildegarda ter aprendido muito cedo a ler e a escrever em latim foi uma condição essencial para que pudesse manter, mais adiante, um considerável relacionamento epistolar com destacadas figuras de sua época. Mas são suas visões, cujo registro principal se encontra no "Scivias", obra em três volumes, escrita entre 1141 e 1151, que a colocarão em uma posição de destaque, atraindo a atenção das autoridades eclesiásticas.

Os dons

Desde a infância ela apresentava uma personalidade muito carismática e um alto grau de elevação mística. Aos poucos, esses dons acabaram se manifestando como visões, definidas por ela mesma como "*lux vivens*", ou seja, luz vivificante. Um dia, Hildegarda ouviu uma voz superior, que ela identificou como do Espírito Santo, ordenando-lhe que escrevesse todas as revelações que lhe eram feitas.



Assim, ela acabou por desenvolver uma grande atividade literária. Por estes dons, acabou adquirindo muito conhecimento sobre medicina e ciências naturais, transmitidos depois por livros preciosos que escreveu sobre essas matérias, reconhecidos cientificamente. Mas o seu talento enciclopédico se expressou em particular no canto e na música. Ela foi, talvez, a primeira mulher musicista da História da Igreja católica.

Vocação semelhante à dos profetas do Antigo Testamento

"Aos meus 40 anos, tive uma visão onde uma voz dizia: 'Diga o que viste e entendeste, não à maneira de outro homem, mas segundo a vontade d'Aquele que sabe, vê e dispõe todas as coisas no segredo de seus mistérios'". Tratava-se de uma ordem decisiva que indicava a vocação de Hildegarda, semelhante à dos profetas do Antigo Testamento, os quais eram as bocas de Deus. Sobre essa vocação, Hildegarda insistirá dizendo que "uma voz do Céu mandava-me tudo dizer e

escrever, tal qual ouvia e era-me ensinado." Essa voz apresentou-se a ela como "a Luz viva que ilumina o que é obscuro." Santa Hildegarda põe-se, então, a escrever o seu primeiro livro *Scivias* ("Conheça as vias do Senhor"), trabalho que levará 10 anos para ser executado.

As visões e atividades da nova Abadessa chamam a atenção das autoridades eclesiásticas, preocupadas com o eco dessas revelações e da perplexidade que alguns sentiam em face delas. O Arcebispo Henri, de Mainz, Diocese onde se localizava o convento de Hildegarda, quer aproveitar a presença do Papa Eugênio III em Trier, onde, em 1147, deve reunir-se um Sínodo preparatório do Concílio de Reims. O cenário é grandioso. Trier, a cidade do Imperador Constantino, que ali residiu com sua mãe, Santa Helena, até o ano 316. O Papa – um cisterciense de Claraval, formado por São Bernardo – reunia Cardeais, Bispos e Abades para um alto tema, qual seja, confirmar mais uma vez as reformas empreendidas pelo Papa São Gregório VII. Entre os assistentes, a maior figura da Cristandade: São Bernardo de Claraval.

Nessa importante assembléia, outro tema entra na pauta: a ortodoxia das visões da Abadessa de um obscuro convento às margens do Reno. O Papa designa dois Prelados, o Bispo de Verdun e seu Bispo-Auxiliar para irem ao convento e se informarem sobre a conduta, escritos e vida dessa religiosa. Em poucos dias, voltam eles para apresentar um relato da visita, trazendo ao Papa as partes já escritas do livro *Scivias*. Cena impressionante: o Pontífice resolve ler em público as revelações da Abadessa. Atribui-se a São Bernardo a conclusão da assembléia: "É preciso impedir que se apague uma tão admirável luz, animada pela inspiração divina".



O Papa pessoalmente escreve a Santa Hildegarda: "Nós ficamos admirados, minha filha, que Deus mostre em nosso tempo novos milagres. Nós te felicitamos pela graça de Deus. Conserve e guarde esta graça". A carta é uma das 390 que aparecem no livro recentemente publicado na Alemanha sob o patrocínio da Abadessa Walburga Storch OSB, da própria Abadia de Santa Hildegarda, em Rudesheim-Eibingen.

Santidade atrai multidões de fiéis

A partir desse episódio, começou uma nova vida para Santa Hildegarda, cuja fama difundia-se além do Reno. Fama não só devido a seus escritos, mas também aos milagres. Narram as crônicas o episódio do monge de Saint Disibold, chamado Arnold, que se opôs à mudança das religiosas para um novo local que Deus havia indicado em uma visão para a Santa. O monge levanta uma querela contra Hildegarda até o dia em que é atacado por um tumor na língua, que o impede de fechar a boca e mesmo falar. Tomado de pavor, promete não mais se opor à vontade de Santa Hildegarda. Imediatamente o tumor desaparece e o monge, arrependido, é o primeiro a se apresentar para trabalhar na construção do mosteiro que será fundado em Rupertsberg, a 30 quilômetros de Bingen.

De toda a França e da Alemanha, milhares de pessoas afluem ávidas para ouvir um conselho ou exortações de Hildegarda. Muitos pedem que ela cure as enfermidades do corpo, o que ela faz dando sua bênção. A Santa Abadessa tem a capacidade de penetrar nos pensamentos dos peregrinos

e afastar-se dos que se aproximam com más intenções ou para provar sua virtude. Judeus vêm ouvi-la e ela exorta-os à conversão à Fé verdadeira. Hildegarda chega mesmo a livrar do demônio uma possessa de Colônia, um espírito imundo que os sacerdotes da Abadia de Brauweisler não tinham conseguido expulsar.

Repreensões a supremas autoridades nos planos espiritual e temporal

Se os milagres provaram a santidade de Hildegarda aos olhos de seus contemporâneos, mais ainda o fizeram suas obras, sua enorme correspondência, como também pregações que foi convidada a fazer em importantes cidades da Alemanha.

A correspondência de Santa Hildegarda surpreende pela dignidade dos destinatários e dos remetentes de cartas e pedidos: Papas, Bispos e um grande número de altas autoridades temporais, como, por exemplo, os Imperadores Conrado III e Frederico Barbaruiva, da Alemanha.

Frederico, que será conhecido na História como Barbaruiva, pede que a Santa o visite em seu palácio de Ingelheim, perto de Mainz. São conhecidos detalhes desse encontro pelo conteúdo das cartas do Imperador e das respostas de Santa Hildegarda. Esta, não se deixando intimidar pela alta posição do Soberano, censura-o em termos proféticos: "Sê vigilante, porque presentemente todas as regiões do Reino estão dominadas por falaciosos que destroem a justiça... Saiba, pois, que o Rei supremo te olha; e não sejas acusado diante d'Ele de não ter exercido corretamente teu ofício e não venhas assim a envergonhar-te".

Pede ela, também, que o Imperador "vele pelos costumes dos Prelados que caíram na abjeção", exortando-o a que "tome cuidado para que o Supremo Rei não te lance por terra por culpa da cegueira de teus olhos. Seja tal, que a graça de Deus não te falte!"

Compreende-se o tom dessa missiva pelos fatos que se seguiram. O Imperador retoma a luta contra o Papado, destitui o Arcebispo de Mainz, fiel a Roma, manda suas tropas arrasar Milão e nomeia nada menos do que quatro antipapas apenas durante o pontificado de Alexandre III.

Outro é o tom da correspondência mantida com o santo monge Bernardo de Claraval, que lhe escreve em termos elogiosos e sobrenaturais: "Agradeço a graça de Deus que está em ti. Eu te suplico de lembrar-te de mim diante de Deus..." A esta missiva, depois de descrever como ela se sentia tomada pela graça de Deus nas revelações que recebia, responde: "Sinto-me consolada por tua sabedoria em coisas de que os homens estão cheios de erros. Tive uma visão, na qual te vi como um homem que olha o Sol sem medo e com audácia. Meu bom pai, pede a Deus por mim, tu que és como uma água que olha o Sol..."



Ao Papa Anastácio IV, eleito em 1153, Hildegarda escreve em termos duros: "Por que não cortais a raiz do mal que sufoca a erva boa? Por que negligenciais a justiça que vos foi confiada? Como permitais que esta filha de Rei seja jogada por terra e que seus diademas e ornamentos de sua túnica sejam destruídos pela grosseria dos homens? Vós que pareceis ter sido constituído pastor, levantai-

vos e correi em direção à justiça de modo que, diante do Médico supremo, não sejais acusado de não ter purificado os teus campos das imundícies. Vós, homem, mantende-vos no bom caminho e sereis salvo!"

Como se nota em suas cartas, Hildegarda recebeu a vocação de aconselhar, segundo os caminhos de Deus, os potentados e as mais altas autoridades da época. Mas, igualmente inúmeras pessoas simples, que a ela recorriam pedindo um conselho. A todos Hildegarda respondia com esse tom solene, humilde e severo, que caracteriza o seu estilo.

As pregações: mais reprimendas ao Clero e ao povo

Não é de estranhar que uma tão grande personalidade, tocada pela santidade, fosse convidada por Bispos para falar em suas Dioceses, sem abandonar seu estado de religiosa de clausura. São conhecidos os textos dessas alocuções, uma vez que, posteriormente, os Bispos pediram-lhe que as escrevesse: "Porque Deus está em vós, e Suas palavras saem de vossa boca, nós imploramos vossa dileção maternal para que nos escrevais expondo o que nos dissestes de viva voz", escreve o Cura de catedral da Trier, em nome de todo o clero da Arquidiocese.

Santa Hildegarda havia ensinado nessa catedral, a mais antiga da Alemanha, construída pelo Imperador Constantino, no início do século IV. Suas palavras constituem uma verdadeira obra de teologia e apologética, que abrange desde a criação do mundo até a vinda do Messias. Tudo isto com vistas a mostrar que, em seu tempo, rejeitando as graças de Deus, "doutores e mestres recusam-se a soar a trombeta da justiça, o que acarretará, em breve, a destruição de cidades e claustros. E aqueles que se deixarem levar pelas fraquezas de mulheres serão punidos!"

Ela não poupa advertências à cidade de Trier, que diz ver animada por um fogo novo, mas "atualmente dominada pelos erros, pelos maus costumes e afligida por todos os tipos de males que só serão afastados pela penitência, como ocorreu no tempo do Profeta Jonas".

Mais tarde, encontraremos Santa Hildegarda dirigindo-se a Mainz, viagem expressamente mencionada no livro em que narra sua própria vida. Posteriormente empreenderá uma viagem a Colônia, com escalas em Boppard e Andernach. Em Colônia, repete-se a solicitação do Cura de catedral de Trier: que ela escreva o que havia dito. Sem hesitação, ela responde: "Vejo que sois constituídos como o sol que deve brilhar para os homens pelo fogo da verdadeira doutrina e pelo brilho de uma boa reputação. Vós deveis ser luz, mas sois noite. Escolhei de que lado quereis ficar!" Palavras corajosas e vigorosas, especialmente por serem dirigidas não só ao povo, mas também ao Clero...

Denúncia da heresia dos cátaros e vitória da Igreja

E como sempre, antecipando-se ao futuro, anuncia a eclosão de uma terrível heresia que sublevará o povo contra o Clero, pelo fato de que este "tinha uma voz e não ousou levantá-la", o que permitiu ao inimigo "oferecer os seus próprios bens, enchendo os olhos, as orelhas e o ventre de todos os vícios!"

De fato, pouco tempo depois, explode a heresia dos cátaros, a qual ela descreve com um luxo de detalhes, que deixa surpresos os historiadores. Entre outras coisas diz: "Minha estadia entre vós foi curta, mas não sem frutos. A verdade que por nós foi manifestada, não somente por palavras, mas por atos (fazia ela alusão a seus milagres), desmascarou os lobos que, sob pele de ovelha, devoravam vosso povo. Eles estão desmascarados, mas não presos. Sob aparência de piedade, eles rejeitam a virtude, misturando palavras celestes com novidades profanas. Desconfiai deles!"



A profecia de Santa Hildegarda vai além, prevendo a vitória da Igreja sobre essa heresia. Uma aurora de justiça surgirá "no povo espiritual, o que começará por um pequeno número que, sem ter riquezas dirá: piedade para nós, porque pecamos".

Pode-se perguntar se ela também não anuncia, com essas palavras, uma era de fervor – que realmente se verificou no século XIII – representada especialmente pela fundação de Ordens religiosas como a dos franciscanos e dominicanos. Após esta estadia em Colônia, Hildegarda empreenderá ainda duas missões, uma à cidade de Mainz, e outra ao Ducado da Suábia, provavelmente no ano de 1170.

Hildegarda manteve uma intensa correspondência com os homens máximos do poder, deixando-nos um volume de cartas dos mais ricos de toda a Idade Média. Entre os nomes mais prestigiosos destacam-se os dos pontífices Eugênio III, Anastácio IV, Adriano IV e Alexandre III, do rei Henrique III da Inglaterra, de Berta da Grécia (mulher do imperador de Constantinopla), de São Bernardo, de Santo Eberardo, de Santa Isabel de Schonau, do imperador Conrado III da Suécia e de Frederico Barba-Roxa.



Este último mostrou-se a tal ponto impressionado com a sua profecia segundo a qual teria tido um longo reinado, só que cheio de desavenças, a ponto de conceder ao convento de Rupertsberg uma Carta de proteção imperial, que impediu a sua destruição quando as tropas do Barba-Roxa devastaram a região do Reno. Justamente por sua sabedoria ("conhecia tudo o que se sabia naquela

época", conforme escreveu Trithemo), Hildegarda foi solicitada várias vezes a empreender cansativas viagens à França e à Suécia, pelo Rio Mosel até a Lorena, pelo Reno até o território do Rühr, e em numerosas outras cidades.

A Obra de Santa Hildegarda

A medicina de Santa Hildegarda

Embora não se tenham informações de que a Santa tenha feito estudos da ciência natural, botânica ou medicina, escreveu ela um Manual de medicina, publicado na Alemanha pelos doutores Gottfried Hertzka e Wighard Strehlow. O que maravilha os leitores da obra é a extraordinária quantidade de comentários e a diversidade de conhecimentos revelados por Santa Hildegarda, nos ramos acima indicados.

O conjunto de sua obra demonstra grande conhecimento da natureza humana. Como poderia ela, sem sair de seu convento, adquirir tal conhecimento? Não existe resposta para esta indagação. Sabe-se que ela descreve o valor das águas, observando, por exemplo, que "a água do Rio Glan é boa para preparar alimentos, beber, banhar-se e lavar o rosto", enquanto a do Mosele "não é boa nem para cozer, nem como bebida, porque ataca as vísceras do homem por sua acidez".

De maneira subtil, ela comenta o valor curativo ou simplesmente o efeito saudável de incontáveis plantas, pedras preciosas, frutas, animais e peixes. Para a Santa, cada elemento da natureza possui um valor, salutar ou maléfico. Sua medicina tem em vista o homem, o corpo e também a alma, elementos que ela nunca separa. Assim, a título de exemplo, indica plantas "que podem curar a melancolia", ou manda evitar as que "engendram humores maus, donde resultam problemas de metabolismo e que conduzem à depressão".



Kosmos

Aos pobres ela prescrevia remédios simples, aos ricos compostos mais caros, mas em ambos os casos, aconselhava os preparados em pequenas doses. Dedicou a sua incomparável obra aos doentes que, cada vez mais numerosos, subiam a muito custo os íngremes caminhos de Rupertsberg.

Todos sabiam que no convento havia um canteiro bem cultivado, uma "horta dos simples" com muitas ervas e plantas medicinais, e que a farmácia estava cheia de unguentos e de medicamentos "milagrosos"; mas, sobretudo, todos sabiam que no convento a caridosa abadessa dispensava com grande amor uma arte médica que lhe permitia "identificar e curar todos os males".

Santa Hildegarda indica também em que consiste uma boa alimentação, ressaltando que "a saúde humana mantém-se por uma boa alimentação". Dentre seus conselhos, um para afastar a cólera: "Pegar uma rosa, reduzi-la a pó e, no momento de cólera, apresentar esta rosa em pó diante das narinas".

Tudo isso, que pode parecer um pouco simplista, chama hoje a atenção de renomados médicos que vêm, nessa medicina, a vontade de tratar o paciente por meios naturais, com o cuidado manifestado continuamente pela religiosa de "curar o doente e não a doença".

Compositora musical

De outra surpreendente qualidade quis Deus dotar Santa Hildegarda: o dom da música. Autora de 77 sinfonias, de um estilo semelhante ao do gregoriano, apresenta ela o que se poderia chamar uma teologia da música. Em carta ao Bispo de Mainz, ela diz: "Lembremo-nos que, com o pecado, Adão perdeu sua inocência e, em conseqüência, perdeu também a voz que antes possuía, semelhante à dos Anjos do Céu. Tendo perdido esta capacidade de louvar a Deus, os Profetas, inspirados pelo Espírito Santo, inventaram os salmos e os cânticos para incitar os homens a se voltarem para esta doce recordação do louvor que gozava Adão no Paraíso. Também os instrumentos de música, pela emissão de múltiplos sons, podem instruir interiormente os homens".

Essa visão teológica desdobra-se numa luta entre o bem e o mal: "O diabo enganador, tendo ouvido falar que o homem, sob inspiração de Deus, havia começado a cantar os salmos e, por esta maneira era convidado a se lembrar da suavidade da pátria celeste, ficou aterrorizado. E, imediatamente, começou a procurar, na sua maldade, de que maneira podia multiplicar no coração dos homens más sugestões e pensamentos imundos, perturbando ou impedindo a beleza dos cânticos e hinos espirituais".



As Profecias

Sua profecia, datada do ano 1138, abrange desde o século XII até "os últimos dias". É bastante longa e em linguagem bastante simbólica. Prima por dar uma descrição bastante acentuada do Anticristo. Nenhum trabalho sobre profecias deixa de mencionar seu texto, tal a importância de sua profecia. É cognominada a profetiza do Antigo Testamento pelo fato de mencionar nomes bíblicos em seus textos. Além de não serem contestadas pela Igreja, o Papa da época considerou suas profecias vindas de Deus.



"... Será então o temor de Deus de todo posto de lado, guerras atrozes surgirão cada vez mais, uma multidão de pessoas nelas serão imoladas e o bem das cidades se mudará em um amontoado de ruínas. Os homens poderosos desolarão muito as cidades e os conventos. A Igreja sofrerá uma diminuição no seu poderio secular, e chegará um tempo que o soberano pontífice terá seu poder temporal tão reduzido em comparação com o passado, que apenas lhe será concedido conservar Roma e algumas propriedades nos arredores... Mas quando a sociedade tiver sido enfim completamente purificada por essas tribulações, os homens se emendarão sob as leis da Igreja... A paz voltará a Europa quando a flor branca (o Grande Monarca) novamente ocupar o trono francês."

Santa Hildegarda discorre depois sobre o Reino do futuro Grande Monarca, e da abolição das fronteiras entre os países: "... Os judeus e os heréticos (muçulmanos) não colocarão barreiras (comandos militares) em seus transportes (rodovias). Nestes dias de bênçãos, se espalharão sobre a terra as mais doces nuvens; elas a cobrirão de verdor e de frutos, porque os homens se entregarão então a todas as obras da justiça, enquanto que nos dias precedentes, tão desolados pelos costumes afeminados do mundo, os elementos violentados pelos pecados dos homens, terão sido de impotência de nada produzir de bom".

Hildegarda afirma que, ainda quando criança, costumava ver o que não estava evidente para mais ninguém. Ela mesma faz, portanto, remontar sua característica de visionária à infância, muito embora só tenha iniciado os relatos escritos na idade madura. Alguns estudos atribuem suas visões a uma patologia específica denominada "migraine". Popularmente associada a dores de cabeça crônicas, as crises de "migraine" podem, no entanto, manifestar-se com outras características, entre elas o surgimento de raios de luz de diversas cores.

A historiadora Sabina Flanagan examina com muito detalhe as questões relativas às origens das visões de Hildegarda, apontando para as alterações dos níveis de consciência, as alucinações e o aparecimento de auras. Acreditamos, no entanto, que para a análise histórica, mais essencial do que o debate sobre as origens das visões de Hildegarda, é o entendimento de como foi possível que uma mulher, no século XII, época marcadamente dominada pelo saber masculino, chegasse a alcançar tamanho destaque e reconhecimento.

A Obra Literária

O *Scivias*, abreviatura de "*Scito vias Domini*" foi seu primeiro livro, no qual, auxiliada pelo monge Volmar, registrou com grande riqueza de detalhes vinte e seis visões. Foi também o ponto de

partida para tornar Hildegarda não apenas conhecida mas sobretudo aceita como autoridade nos mais variados assuntos tanto religiosos quanto relativos ao comportamento humano e à natureza.

Mais do que uma simples descrição do material visionário, o *Scivias* compreende também explicações detalhadas, que são dadas com o objetivo de tornar claro o sentido das imagens. O processo é o seguinte: Hildegarda apresenta, em toda sua exuberância, uma determinada visão e, em seguida, desvenda seu significado, mas deixando sempre muito claro que não o faz por seu próprio entendimento e sim reproduzindo palavras divinas. Há uma constante passagem da representação iconográfica à fase discursiva e assim fecha-se a explicação, o que não impede, mas dificulta a possibilidade de um grande espaço livre para a interpretação do leitor.



O *Scivias* compreende três partes: a primeira relatando seis visões, a segunda, sete visões e a terceira, treze. Como bem explica Marcial Maçaneiro, "o livro segue a manifestação das visões. Não tem o formato de um trabalho teológico, mas se costura com alguns 'fios teológicos' que lhe conferem textura. Os fios são: criação, salvação, Verbo, Igreja e humanidade. O estilo literário é profético".

O maravilhoso medieval é desvendado na escrita de Hildegarda, tendo sempre presente o ser humano e a relação Cosmos-Humanidade-Natureza, o que fornece a possibilidade de pensar o todo sem deixar de considerar as suas partes. As visões de Hildegarda perpassam grande parte de seus trabalhos e a elas a monja faz constantes referências. Mas, de caráter explicitamente visionário, além do *Scivias*, há o *Liber Vitae Meritorum*, escrito entre 1158 e 1163, e o *Liber Divinorum Operum Simplicis Homnis*, escrito entre 1163 e 1173. Em conjunto, estas três obras compõem um quadro muito denso, que abrange desde um elaborado enfoque de temas cosmológicos, até uma detalhada análise de vícios e virtudes, sob um refinado prisma psicológico.

Reconhecimento e autoridade

O interesse de Bernardo de Claraval foi decisivo para que o *Scivias* recebesse irrestrita aprovação. Em 1147 o Papa Eugênio III, também cisterciense e antigo discípulo de Bernardo, convocou um sínodo a ser realizado em Trier, no qual o tema principal seria o problema da ingerência da nobreza em assuntos da Igreja, especialmente na indicação de abades e bispos.

Preocupações com as heresias e a defesa da ortodoxia também estavam entre as grandes questões do momento. Nesta oportunidade, aproveitando a presença da mais alta autoridade eclesiástica em terras germânicas, o arcebispo de Mainz, certamente interessado em divulgar seu arcebispado, trata de anunciar a Eugenio III a obra de Hildegarda, ainda em andamento. O Papa envia, então, uma

comissão a Disibodenberg com o objetivo de avaliar o trabalho da monja, recebendo em seguida uma parte já escrita do "Scivias", que aprova de imediato.

Bernardo de Claraval, que é uma das figuras de maior destaque no sínodo, já tinha tomado conhecimento, anteriormente, do trabalho que Hildegarda vinha desenvolvendo, através de uma carta que ela própria lhe havia enviado. Sua opinião favorável, de franco apoio, foi fundamental para a aprovação de Eugênio III.



Para que se entenda melhor todo o contexto, é importante lembrar que Bernardo lidera o movimento que pretende não apenas diminuir a influência da nobreza nos assuntos da Igreja, mas também recuperar a austeridade que os cistercienses consideram ameaçada pelo estilo de vida dos monges de Cluny. Além disto, há vários anos, o próprio Bernardo havia sido também um ferrenho opositor aos ensinamentos de Abelardo, a quem condenou em nome da ortodoxia religiosa.

Abelardo, que já havia falecido em 1142, antes, portanto, da convocação do sínodo, mas cujos escritos continuavam circulando e sendo lidos, foi um professor brilhante e carismático que procurou adequar as Escrituras ao pensamento racional e recorreu à lógica aristotélica enquanto instrumento de explicação de dogmas como o da Santíssima Trindade. Seus ensinamentos, porém, estavam muito afastados da ortodoxia defendida não apenas por Bernardo, mas pelos cistercienses em geral. Entre estes dois enfoques, situava-se o debate religioso da época e, em meados do século XII, a posição oficial da Igreja pendia para o lado mais afirmativo e menos predisposto a questionar os ensinamentos estabelecidos. Recebida a aprovação do Papa Eugênio III e o amplo apoio de Bernardo, Hildegarda passou a assumir maior visibilidade também na sua própria comunidade.

Afirmção e independência

Hildegarda de Bingen foi, não apenas autorizada a divulgar todo um complexo quadro visionário, mas também a pregar em público na sua região e em diversas outras cidades, o que era espantoso para uma mulher, em qualquer fase da história da Igreja, e especialmente na Idade Média. Com o crescimento de sua fama, aumentaram também as consultas que lhe eram feitas por carta.

A correspondência que Hildegarda trocou, tanto com grandes personalidades de sua época quanto com desconhecidos, foi muito vasta, evidenciando seu papel de conselheira para diversos assuntos. Tendo sido reconhecida pelo próprio Papa Eugênio III como visionária, passou a ser considerada, então, capaz de responder a questões sobre os males do espírito e do corpo e também sobre temas ligados à política da época. Além disto, ela mesma tomou a iniciativa, quando julgou necessário, de

dirigir-se a diversas pessoas para fazer admoestações sobre comportamentos ou para dar apoio em determinadas circunstâncias (principalmente cartas escritas a bispos e abades). Hildegarda era, implicitamente, aceita como profetisa em decorrência de suas características de visionária. Diversas cartas solicitavam revelações divinas das quais ela pudesse ser portadora.

A questão sobre a qual podemos continuar refletindo e que perpassa o estudo de toda a sua obra é: porque Hildegarda de Bingen foi autorizada não apenas a divulgar um rico e complexo quadro de visões, mas também a pregar em público e a difundir comentários proféticos, desfrutando sempre de um considerável grau de liberdade?

Seria enganoso, no entanto, pensar que tudo ocorreu sem qualquer contestação e que a monja germânica foi uma figura passiva e discreta, que recebeu o apoio direto das autoridades eclesiásticas, enquanto se dedicava apenas a escrever. Se, no início, como já mostramos, o apoio de Bernardo de Claraval se constituiu em um elemento essencial para que as visões relatadas no "Scivias" fossem reconhecidas pela Igreja, em seguida Hildegarda afirmou-se tanto por sua própria capacidade de liderança de um grupo de monjas quanto pela qualidade de sua obra e pela dedicação e profundidade com as quais respondia sempre as consultas que lhe chegavam.

Por outro lado, surgiram também questionamentos e críticas. O abade Kuno, do mosteiro de São Disibod, ficou bastante descontente com a idéia de Hildegarda, de fundar uma nova casa, privando-o de desfrutar da fama que sem dúvida lhe trazia a presença da visionária. Ela, no entanto, manteve-se firme e mudou-se com suas pupilas para São Rupert, onde consolidou sua liderança.

Entre as críticas que lhe foram feitas, justamente uma delas é com relação às suas funções de abadessa e à liberdade da qual desfrutava. Em uma carta, Tengswich, superiora de Adernach, pergunta sobre as irregularidades que estariam ocorrendo entre as monjas de Hildegarda, que participavam das cerimônias religiosas com os cabelos soltos, usando como parte do vestuário longos véus de seda caindo até o chão e adornadas de anéis de ouro, demonstrando, assim, pouca modéstia e preocupações com a aparência.

Hildegarda responde, com segurança e sem a menor intimidação. Explica que as recomendações de modéstia no penteado e no vestuário só se aplicam às mulheres casadas, que devem aparecer muito discretas na frente de outros homens. Já as virgens – e principalmente as monjas – não são obrigadas a cobrir seus cabelos e podem usar sem restrições seus longos e belos trajes brancos. Em última análise, o que Hildegarda pretende é defender os rituais próprios de seu mosteiro e, sobretudo demarcar com muita clareza seu espaço, conservando sua liberdade.

Fazem parte dos cuidados da abadessa com suas monjas e com a qualidade e o refinamento dos ofícios, suas composições musicais. Como assinala Margot Fassler, em todo o século XII não há nenhum outro corpus tão grande e tão diversificado de composições pertencente a um só autor, facilmente identificável, como é o caso das que foram escritas por Hildegarda de Bingen.

O que surpreende, portanto, é não só a variedade da sua obra, mas a profundidade de seus escritos, a qualidade de todos os seus trabalhos, desde os relatos das visões até a música, a poesia, a correspondência em geral e seus compêndios de medicina.

Nos livros *Physica* e *Causae et Curae*, Hildegarda se debruça com olhar inquiridor sobre a natureza, pesquisando o uso terapêutico de plantas, aprofundando a tradição beneditina de manter farmácias e de dar assistência aos enfermos, nos mosteiros. O interesse da abadessa pela cura de enfermidades reflete sua própria visão do homem no mundo, integrado com a natureza.



Visionária, escritora, compositora, terapeuta exercendo o poder da cura através das ervas, mas também de dons espirituais, como mística, pregando em domínios até então exclusivamente masculinos, não correria Hildegarda o risco de uma condenação? Sua crítica firme às heresias, principalmente à dos cátaros, teria sido suficiente para afastar de todo qualquer possibilidade de acusação que recaísse sobre si mesma?

A verdade é que Hildegarda moveu-se sempre com uma grande habilidade, e também com uma inteligência e sutileza extraordinárias. Soube manter o apoio que havia granjeado entre as autoridades da Igreja, mesmo depois do desaparecimento de seus protetores Bernardo de Claraval e Eugenio III, sem que para isto tivesse que abrir mão de suas convicções ou de suas severas críticas aos comportamentos de diversos representantes da Igreja. A abadessa germânica viveu oitenta e um anos e manteve-se ativa até essa avançada idade, pois em torno de 1170 ainda realizou algumas viagens para pregar. Suas diversificadas atividades foram, assim, muito além do que seriam os encargos de uma religiosa visionária medieval. Uma análise atenta de tudo o que deixou escrito nos remete a importantes considerações tanto de ordem política quanto psicológica.

Morte plácida e glorificação póstuma

Esta grande figura religiosa – mística, profetiza, escritora, pregadora, conselheira, médica e compositora – passa seus últimos anos no convento de Eibingen, o terceiro que fundou, na outra margem do Reno, e o único que se salvou dos saques dos bárbaros e das devastações das guerras. A respeito desses anos, pouco se conhece. Encontrou-se apenas um relato de uma das religiosas, que narra a morte de Santa Hildegarda: "Nossa boa Mãe, depois de combater piedosamente pelo Senhor, tomada de desgosto da vida presente, desejava cada dia mais evadir-se desta Terra para unir-se com Cristo. Sofrendo de sua enfermidade, ela passa alegremente deste século para o Esposo celeste, no octogésimo ano de sua existência, no dia 17 de setembro de 1179."

Suas filhas, chorando amargamente a separação, foram consoladas pelos prodígios e fatos extraordinários que se seguiram. Sobre a casa onde jazia seu corpo, durante a noite, dois arcos brilhantes e de diversas cores aparecem no céu, dilatando-se de tal maneira, que se estenderam sobre os quatro pontos cardeais. No centro, os dois arcos se uniam. Nesta luz, viu-se uma cruz, pequena no início e depois grande como um sol, cercada de muitas outras pequenas cruces, que iluminavam a Terra por trás do convento onde Santa Hildegarda havia vivido.



Por esse sinal, quis Deus certamente manifestar as luzes sobrenaturais que havia concedido à sua dileta filha, hoje na glória celeste, e que se tornou famosa no mundo por ter manifestado aos homens Aquele que é a Sabedoria Encarnada, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Conclusão

Apesar de recentemente terem surgido novos estudos sobre Hildegarda de Bingen, ainda há muito para ser feito e um caminho que nos parece bastante fértil é o que venha a desenvolver uma leitura integrada de sua obra com o contexto mais amplo das discussões da época.

O simbolismo que se encontra enlaçado nos relatos das visões merece por si só uma reflexão específica. No entanto, não deve ser totalmente destacado de uma compreensão mais ampla do maravilhoso que permeia as mentalidades do século XII e que torna possível a aceitação de uma visionária, profetisa e terapeuta cujo alcance ultrapassa tudo o que se poderia esperar de uma mulher medieval.

Vários fatores, portanto, são fundamentais para o amplo reconhecimento de Hildegarda, o que não diminui, porém, as qualidades intrínsecas da sua vasta obra, bem como sua tenacidade e sobretudo sua aguda compreensão da época e das condições políticas do momento.

Já a partir do final do século XII todas as sementes estarão lançadas para as complexas transformações que vão ocorrer em seguida, com a entrada em cena das ordens mendicantes, no século XIII e com o crescimento da importância das universidades como centros produtores de saber. Delinear-se-á, então, um mundo no qual dificilmente haverá lugar para a afirmação de uma personalidade feminina como a de Hildegarda de Bingen.

Sua festa litúrgica é celebrada em 17 de Setembro.

Referências:

<http://www.lepanto.com.br/HagHildeg.html>
<http://www.revistamirabilia.com/hildegarda.html>
<http://geocities.yahoo.com.br/realidadehoje/hildegarda.html>
<http://www.catoliconet.com.br/interatividade/santo/conteudo>

FIM